

Antônio de Pádua Ribeiro

Reflexões Jurídicas

Palestras, Artigos & Discursos

Brasília – 2000



BRASÍLIA JURÍDICA

Medalha “Desembargador Hélio Costa”

É com grande honra que, hoje, aqui compareço para receber a Medalha Desembargador Hélio Costa, distinção que devo à magnanimidade dos ilustres membros da Comissão indicada para a escolha do agraciado deste biênio – Dr. Ricardo Sávio de Oliveira, Juiz Diretor do Foro; Dr. Luiz Antônio Fonseca Filho, Promotor de Justiça; Dr. Eli Pinto de Faria, Prefeito deste Município; Vereador José Antônio Lemos de Vasconcelos, Presidente da Câmara Municipal; e Dr. Pedro Mendonça Ferreira, advogado representante da Subseção local da Ordem dos Advogados do Brasil -, a quem dirijo os meus profundos agradecimentos neste momento. E faço-o não só movido pela satisfação de coroar com tão insigne láurea a minha jornada pelos caminhos da Justiça, a qual, se algum mérito tem, é o da pertinácia e amor ao trabalho, mas impelido também pela gratidão de estar tendo a felicidade de retornar a esta terra, que abrigou meus antepassados e me viu nascer.

Da *Acta de Instalação da Villa do Pará*, na qual consta a assinatura de meu bisavô paterno, Fidélis Evaristo Firmiano Ribeiro, ao meu diploma registrado no Ginásio São Francisco (para utilizar apenas marcos escritos), muito poderia falar sobre a generosidade desta terra para com a minha família e comigo mesmo. Recordo, com ternura, os meus pais – Evaristo Firmiano Ribeiro e Maria Antonieta Ribeiro -, credores eternos do meu amor e respeito. Poderia, ainda, evocar a paz dos campos e o mistério das serras que moldaram nossa mineiridade;

poderia lembrar as personalidades, os amigos, os folguedos, os quais vejo, sem tristeza ou nostalgia, com os olhos do coração – aqui peço vênha para citar o mestre Rui Barbosa: *Para o coração (...) não há passado, nem futuro, nem ausência. Ausência, pretérito e porvir, tudo lhe é atualidade, tudo presença. Mas presença animada e vivente, palpitante e criadora, neste regaço interior, onde os mortos renascem, prenascem os vindouros, e os distanciados se ajuntam, ao influxo de um talismã, pelo qual, nesse mágico microcosmo de maravilhas, encerrado na breve arca de um peito humano, cabe, em evocação de cada instante, a humanidade toda e a mesma eternidade.*

Sábio Rui! Exorta-nos a rever o passado não com a nostalgia de quem sente que perdeu algo, mas com a alegria de quem sabe que pretérito e presente são a matéria do futuro e não estão perdidos; vivem sempre em nós. Assim é Pará de Minas para mim. Minhas raízes estão neste solo fecundo e dele extraíram minha crença na verdade, na justiça e no trabalho.

Se muito já devia à terra natal, inclusive a matéria-prima com que forjei meu caráter, devo-lhe, agora, a oportunidade de portar a Medalha Desembargador Hélio Costa, graça que, assim como as graças divinas, tanto dignifica quanto obriga a quem recebe.

Obriga ao compromisso de ser constante nos embates por um país que tenhamos orgulho de legar aos nossos filhos e nobilita pela pessoa de seu patrono, que nos deixou o exemplo de como atingir esse fim. O Desembargador Hélio Costa trilhou com brilhantismo a via jurídica, na qual imprimiu a marca de sua inteligência e sólido saber ao longo de mais de quarenta anos devotados à magistratura. E, concomitantemente às suas proffcuas realizações em prol do Poder Judiciário, exerceu o magistério superior, atividade escolhida por aqueles que não apenas conhecem a fundo o seu ofício, mas também dedicam-lhe um amor incondicionado.

Dizia o renomado orador Pe. Antônio Vieira no *Sermão da Sexagésima* que *as flores, umas caem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as discretas, só essas as que duram, só essas as que aproveitam, só essas as que sustentam o mundo.* Cito essas palavras porque servem perfeitamente como uma metáfora para a trajetória do ilustre Desembargador: as flores são belas, contudo o seu valor se mede por seus frutos. Assim, mais que a aparência de nobreza conferida pelos altos cargos que ocupou, legou-nos Hélio Costa os frutos do seu trabalho, semeados onde quer que tenha passado, e são eles os geradores de uma Justiça escrupulosa, isenta e responsável.

Dessas qualidades, os cultivadores da justiça não podem prescindir. Pelo contrário, devem possuí-las a mancheias, para fazer frente a interesses espúrios, a perseguições inadmissíveis e a irresponsabilidades condenáveis, venham de onde vierem.

Já tive ocasião de ressaltar, e repito agora, que estamos numa fase da História em que a tecnocracia tem prevalecido sobre os valores humanos, em que o amor ao progresso material tem postergado os princípios maiores de respeito à pessoa humana. Tal inversão é um erro que não pode encontrar guarida no Poder Judiciário, pois, apesar de apresentar defeitos, é ele o único a ter condições de fazer prevalecer os direitos e liberdades públicos quando conspurcados.

Na crença de que a justiça é um ideal que deve sempre ser perseguido, tenho dedicado a ela o melhor dos meus esforços e dos meus dias. Feliz oportunidade me traz aqui na data escolhida para se homenagear a Justiça – ser abstrato sem o qual imperaria a barbárie e a força.

Parafraseando Drummond de Andrade, célebre poeta destas Minas Gerais, lembro que muitas podem ser as pedras no meio do caminho da Justiça, porém, longe de constituírem óbices aos seus objetivos, é necessário que se traduzam em motivação para vencer. Há imperfeições a corrigir e obstáculos a transpor na consecução do ideal de justiça, porém, recorrendo mais uma vez ao inesquecível Rui, importa *corar menos de ter errado que de se não emendar*. Na verdade, a estrada do êxito não são apenas flores; são também espinhos. Para percorrê-la, é mister muito trabalho, perseverança e oração.

De tão sublime tarefa ocupei-me na minha vida pública. Há mais de três décadas, tenho atuado em todos os ramos do Direito: advocacia, magistério, ministério público e magistratura. Nessa peregrinação, busquei sempre empregar minhas forças no atendimento ao interesse público e na busca do bem comum. Não o fiz por mérito, mas por dever.

O respeito ao Direito e à Liberdade impulsionou-me sempre. Orgulho-me de acrescentar que esse sentimento, herdei-o dos meus antepassados. Já meu bisavô deu-me o exemplo: quando, em 1842, D. Pedro II ordenou a dissolução da Câmara dos Deputados, foi ele um militante da revolução liberal então desencadeada. Aqui nem todos sabem que Fidélis Evaristo Firmiano Ribeiro foi um dos fundadores, também, da cidade de Curvelo, em cuja Câmara Municipal, naquele ano, pronunciou-se em defesa da Constituição, asseverando:

“Quando a liberdade periga, ou se acha quase extinta, e d’entre os oprimidos levanta-se um herói, que, sacrificando sua fortuna, e tudo quanto há de mais sagrado, constitui-se Defensor em Chefe das Liberdades Públicas, é mister que se lhe preste cooperação, e cooperação forte daqueles em cujos peitos arde o amor da Pátria.”

Essa coragem para arrostar as injustiças e os ataques à liberdade do povo, ele a transmitiu a meu avô, Antônio Carlos Firmiano Ribeiro, que a ensinou a meu pai, Evaristo Firmiano Ribeiro. Durante o período sombrio do Estado Novo, meu progenitor passou por terríveis provações e perseguições; não titubeou,

porém, em defender seus princípios, e é tal legado que tenho procurado manter intacto.

Creio ter sido por essa intenção de perseverar na luta em prol da distribuição de justiça, a qual tenho tentado concretizar em obras, que mereci de vós, meus nobres colegas de ideais, o galardão que ora venho receber. A alta distinção que me conferistes emociona a mim e à minha família. A ela cabe o consolo de poder constatar que as minhas repetidas ausências não foram em vão; em mim sobeja a alegria de ter sido dignificado, entre tantos - tão ou mais merecedores dessa honra -, com a Medalha Desembargador Hélio Costa.

Penso haver ainda muito o que fazer no aperfeiçoamento da prestação jurisdicional, que a sociedade pretende célere e eficaz. No entanto importa alertá-la para o fato de que, mais que oferecer rapidez, ao Judiciário incumbe o papel essencial de defender o princípio democrático e a cidadania, e a essa missão continuarei devotando a minha vida.

Cumpre-me encerrar. Ao fazê-lo, agradeço a todos os que aqui compareceram para prestigiar esta solenidade e lembro estes versos de Mário Quintana, que me servem de estímulo e lenitivo: *A vida é um incêndio: nela / dançamos, salamandras mágicas / Que importa restarem cinzas / se a chama foi bela e alta?*

* Discurso proferido em 8 de dezembro de 1998, por ocasião do recebimento da "Medalha Desembargador Hélio Costa", concedida pela Comarca de Pará de Minas – MG.